



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A CHAVE DA APRENDIZAGEM

Renata Cláudia Silva Santos de Araújo

Campina Grande

2014

RENATA CLAUDIA SILVA SANTOS DE ARAÚJO

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A CHAVE DA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663d Araujo, Renata Claudia Silva Santos de
Desenvolvimento cognitivo em crianças da educação infantil
[manuscrito] : a chave da aprendizagem / Renata Cláudia Silva
Santos de Araújo. - 2014.
35 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Livanía Beltrão Tavares,
Departamento de Pedagogia".

1. Educação Infantil 2. Desenvolvimento Cognitivo 3.
Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 372

RENATA CLAUDIA SILVA SANTOS DE ARAÚJO

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A CHAVE DA APRENDIZAGEM

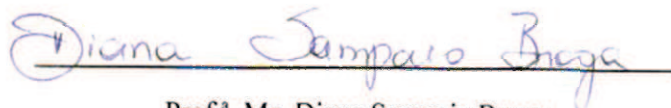
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

COMISSÃO EXAMINADORA



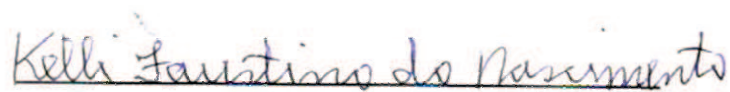
Prof.^a. Ms. Livânia Beltrão Tavares

Universidade Estadual da Paraíba



Prof.^a. Ms. Diana Sampaio Braga


Universidade Estadual da Paraíba




Prof.^a. Pós Dra. Kelly Faustino do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba

Campina Grande, 09 de dezembro de 2014.



Partindo da valorização das relações constituídas, confirmo a crença de que estou sempre diante de um sujeito que se desenvolve e aprende durante toda a sua vida, seja com as coisas, seja com as pessoas. É com o desenvolvimento que se aprende e é com o aprendizado que ele se desenvolve.”
(BORGES, 1994, p.81)



Dedico este trabalho ao meu grande e gracioso Deus, que superabundou sobre mim sua graça e misericórdia, me ajudando na conclusão do mesmo. E a extraordinária Mestra Livânia que me acolheu com atenção e graciosidade me assistindo em todas as minhas dúvidas e iluminando minhas ideias. E por fim a todos os educadores pais e mestres interessados em uma educação significativa, cheia de criatividade e afeto.

AGRADECIMENTOS

A minha linda e amada família, pela motivação e confiança, em especial a minha mãe que em tudo nos apoia e sustenta através de suas orações.

Ao meu pai que nunca nos deixou esquecer o quão importante é a educação.

Aos professores que foram verdadeiros mestres, ensinaram com destreza e cativaram mente e coração através da arte de ensinar a ser.

A professora Vagda G.G. Rocha pela oportunidade de concretizar o sonho de outrora.

A todos os amigos e familiares que torceram e perseveraram juntos para que esse trabalho se concretizasse.

Ao meu pequenino Jailson de apenas 03 anos que em todo o tempo me inspirou e me pôs a prova quanto ao continuum do desenvolvimento cognitivo, pois sempre caberá a nós educadores o mover extraordinário para transformar conhecimento e afetividade em criatividade e ação.

ARAÚJO, Renata Claudia Silva Santos. **Desenvolvimento Cognitivo em crianças da educação infantil**: A Chave da aprendizagem. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de desenvolver uma pesquisa em torno do desenvolvimento cognitivo de crianças da Educação Infantil, refletindo sobre os caminhos através da aprendizagem significativa, envolta de interações sócio afetivas e muita criatividade, para se promover o continuum da aprendizagem. Para realização deste, foi feita uma pesquisa bibliográfica, na qual os dados literários de vários autores contribuíram significativamente para a elaboração e desenvolvimento do estudo. Durante o desenvolvimento e concretização do mesmo, concluímos que as crianças em fase da Educação Infantil têm suas aprendizagens potencializadas em função do ambiente educacional e das variadas formas de ensinar promovidas pelos educadores, os quais constituem ponto decisivo na promoção da aprendizagem das mesmas, pois são mediadores constantes do processo de tornar a “ser”. Ressaltamos a importância de fornecer as ferramentas adequadas para o trabalho focado na individualidade de cada criança valorizando as relações interativas que as crianças experimentam dentro e fora da sala de aula como vital para o seu desenvolvimento cognitivo, pois não existem limites para a aprendizagem, mas um continuum que se renova a cada conhecimento adquirido e a cada ação promovida.

Palavras Chave: Educação infantil. Continuum da aprendizagem. Desenvolvimento Cognitivo.

ARAUJO, Renata Claudia Silva Santos. Cognitive Development of Children from Kindergarten: Learning Key. 35 p. Work Course Conclusion (State University of Paraíba, Campina Grande in 2014 .

ABSTRACT

This work arose from the need to develop a research on the cognitive development of kindergarten children, reflecting on ways of gathering meaningful learning affective social interaction and creativity, to promote learning throughout life. For this, a literature search in the literary data from multiple authors contributed significantly to the development and progress of the study was performed. During the development and implementation of the same, we can conclude that children in early childhood education have leveraged their learning because of the space and diversity of education promoted by educators that are essential to promote the learning of these children, teachers are mediators of this process "be". We stress the importance of providing the right tools for the job focused on the child's individuality, valuing the interactive relationships that children experience inside and outside the classroom as vital to their cognitive development, because there are no limits to learning however, a continuous flow is renewed with the knowledge absorbed and the actions promoted.

Keywords: Children's Education. Continuum of learning. Cognitive Development.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO I	14
O CAMINHO PERCORRIDO PELA APRENDIZAGEM	14
2.1 A Construção da Aprendizagem	15
2.2 Os Estágios do Aprender a Ser	16
2.2.1 Esquema	20
2.2.2 Assimilação	20
2.2.3 Acomodação	21
2.2.4 Equilibração	21
3. CAPÍTULO II	23
A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS: FAMÍLIA E ESCOLA	23
3.1 Maturação e hereditariedade	25
3.2 Experiência ativa	25
3.3 Interação Social	26
O PAPEL DA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM	29
4.1 A importância do método	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

I. INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição onde o saber é sistematizado. Nela, os conhecimentos são apreendidos e moldados, as janelas se abrem para um mundo novo e desconhecido. Esse mundo novo não pode ser imposto a qualquer custo. Ele deve adequar-se aos anseios de quem o busca, procurando desenvolver uma práxis que atenda às necessidades da criança, sem que venha ferir o seu desenvolvimento cognitivo.

A função social da escola é desenvolver uma relação com as crianças que as aproximem do conhecimento através de um meio social que não lhes seja imposto, mas que seja construído no dia a dia da criança com a escola. O tema **Desenvolvimento Cognitivo – A Chave da Aprendizagem** fundamenta-se no pressuposto de que a aprendizagem se relaciona imprescindivelmente com o desenvolvimento cognitivo de cada indivíduo e que esse desenvolvimento pode ser potencializado conforme for compreendido e estimulado. O processo de aprender e compreender como o aprendizado ocorre, os caminhos que a mente de uma criança percorre até chegar à efetivação de suas ações e o pleno desenvolvimento de suas habilidades, pode torna-se um prazeroso processo a ser apreendido por pais e mestres, a fim de que essas apreensões sejam sabidas por todos os que participam da construção dos saberes de uma criança.

É pensando numa relação harmoniosa entre a criança e os saberes que por ela podem ser adquiridos e estimulados que se busca uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças na Educação Infantil, com a finalidade dessas informações fornecerem instrumentos para um melhor desenvolvimento da aprendizagem.

O presente trabalho buscou evidenciar a importância de compreender o desenvolvimento cognitivo para promoção de melhores formas de efetivar a aprendizagem em crianças da Educação Infantil. As possíveis relações que se dão na complexidade da rotina educacional, se desenvolvem num constante movimento entre a subjetividade e as atividades cognitivas apreendidas e desenvolvidas por cada criança, as quais podem ser maximizadas em nível potencial conforme as competências a serem exigidas. Discutem-se, dessa forma, procedimentos dinâmicos e interativos que

busquem ferramentas e respostas para que o processo de ensino-aprendizagem seja promissor e o desenvolvimento do conhecimento ocorra em cada criança de forma atraente e ascendente. Ao educador será exigida um tanto mais de atenção às pequenas mentes em constante processo de mudança. Dessa forma, torna-se inevitável a constante atualização do educador quanto ao processo de ensino-aprendizagem de cada criança. Nesse processo, contribuem para que o sucesso dessa aprendizagem seja promovido a gestão do conhecimento na escola, quanto às possibilidades de criar ambientes que potencializem as habilidades existentes em cada educando; as implicações da cultura e as oportunidades de legitimação de um ambiente rico em conhecimento e interacionista.

Considera-se, durante as reflexões, a presença dos hábitos e costumes, que influenciam e definem o comportamento da criança, tais como as habilidades e competências que podem ser desenvolvidas tanto quanto for exigida que elas sejam potencializadas. Não menos importante traremos também observações relevantes à participação efetiva de pais na construção e desenvolvimento do conhecimento de forma afetiva e participativa, pois estes também são educadores e participam incisivamente no processo educativo das crianças.

Esse trabalho foi construído como uma pesquisa teórica em torno da problemática que busca uma compreensão prática para pais e educadores do desenvolvimento cognitivo de crianças da Educação Infantil, na faixa etária de 2 a 5 anos, em fase escolar inicial. Nele, procura-se identificar qual o papel dos educadores, pais e professores, nessa fase de desenvolvimento das crianças, em que suas habilidades são desenvolvidas e suas competências são ampliadas, como agir e que instrumentos utilizar para que essas crianças possam desfrutar de todo o conhecimento à sua volta sem que isso lhes afete o desenvolvimento cognitivo ou lhes iniba esse desenvolvimento. Qual será o papel de pais e professores diante da revolução de ideias das quais essas crianças fazem parte?

O presente estudo buscou possibilidades de promover instrumentos que viabilizem os saberes necessários ao desenvolvimento das crianças em fase inicial escolar. Portanto, o objetivo central da pesquisa foi analisar como ocorre o processo de desenvolvimento da aprendizagem em crianças da educação Infantil, que tem entre 2 e 5 anos, avaliando os instrumentos e ferramentas de aprendizagem utilizados dentro e fora da escola. Considerando que esse processo é norteado pelo desenvolvimento cognitivo

de cada indivíduo e que o mesmo ocorre relacionando-se com diversos fatores sociais, sensoriais e motores. Propõe-se aos educadores dessa fase educação infantil um ambiente de aprendizagem dinâmico e interacionista, onde as habilidades dos educandos possam ser desenvolvidas de forma integrada e suas competências ampliadas ludicamente.

Esse trabalho foi norteado por um levantamento de estudos e dados teóricos quanto ao processo de desenvolvimento cognitivo da aprendizagem de crianças da Educação Infantil, buscando de maneira sucinta todo o processo de desenvolvimento e as variadas formas de interação que norteiam esse processo.

Fez-se uso da abordagem qualitativa, com análise do processo de desenvolvimento cognitivo de crianças em fase da Educação Infantil, a partir dos aportes teóricos.

O aporte teórico se fundamentou em autores que contribuíram inegavelmente com a temática, tais como, Piaget, Vygotsky e Wallon, dentre outros. Buscamos entre eles os referenciais quanto ao dia a dia da criança em casa e na escola, as possibilidades de aprendizagem que a permeiam e as oportunidades em que o conhecimento é desenvolvido na criança dentro e fora do ambiente escolar.

No primeiro capítulo, procurou-se destacar os caminhos percorridos pela aprendizagem. No capítulo dois, a importância da interação entre pais e professores, quanto às responsabilidades em desenvolver o conhecimento na criança e suas variadas formas de aprender, como o ambiente influencia na construção e desenvolvimento da inteligência da criança e quais posicionamentos tornam-se favoráveis a esse desenvolvimento.

No capítulo terceiro, propõe-se uma reflexão sobre a didática e afetividade como instrumentos de transformação do conhecimento formal e sistemático para conduzir o pleno desenvolvimento da criança na fase da educação infantil. Destaca-se o lúdico como peça fundamental ao se promover uma aprendizagem significativa e como ele precisa e deve estar incluso nas relações da criança com os pais e a escola.

Por fim, nos propomos a trazer aos educadores em geral uma postura comprometida e dedicada às crianças de forma consciente e construtiva, com vistas na compreensão e reflexão de que elas são indivíduos em constante evolução e toda a

semente plantada hoje será colhida amanhã, conforme for cultivada a terra e regado o solo. É a luz da história do desenvolvimento cognitivo que buscamos atrair pais e professores a construção do saber e desenvolvimento da inteligência na criança de forma contínua e diversificada, sem amarras e prisões de qualquer forma.

O maior desafio no processo de promoção de uma aprendizagem dinâmica e prazerosa é preparar o educador, a fim de que o mesmo esteja plenamente comprometido com um processo mais incrível e prazeroso que o letramento, o pleno desenvolvimento do conhecimento, do saber sistematizado e social que nos cerca e pode ser partilhado e potencializado, fazendo aflorar as habilidades tantas vezes escondidas por traz das cartilhas e que sucumbem à imposição não reflexiva desse processo.

No desenvolver deste trabalho gostaríamos de alcançar cada educador despertando-o a reflexão da importância de significar a infância, lhe proporcionando quantas oportunidades forem possíveis para que a inteligência seja desenvolvida e o conhecimento aprendido nos mais diferentes espaços da vida da criança.

2. CAPÍTULO I

O CAMINHO PERCORRIDO PELA APRENDIZAGEM

“O que vale na vida não é o ponto de partida, e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

Onde a aprendizagem começa e o que exatamente pode-se caracterizar como aprendizagem? Ao longo dos anos, vários pesquisadores têm desenvolvido técnicas de orientação nos processos de ensinar e aprender. Os estudos em torno do desenvolvimento cognitivo humano têm gerado cada vez mais importantes avanços para que se caminhe rumo a uma educação significativa e de qualidade.

Verifica-se que, a cada etapa da vida o ser humano desenvolve saberes diferenciados e os absorve e transforma continuamente, construindo o conhecimento e desenvolvendo a inteligência. Os instrumentos de promoção da inteligência têm sido cada vez mais diversificados e muitas colocações se contrapõem na evolução do conhecimento, a informação solta, sem reflexões ou assimilações, torna-se apenas mais um obstáculo na geração do saber. O ambiente é um grande influenciador das construções cognitivas; e o próprio indivíduo é agente transformador dessas construções, segundo as teorias de Piaget e Vygotsky (SOUZA & KRAMER, 1991).

Inicia-se a enxergar não apenas o conhecimento como sendo sumamente importante, mas principalmente a forma como o mesmo é repassado e o meio em que as crianças estão inseridas para aplicar e transformar esse conhecimento em aprendizagem, fala-se em didática, mas verifica-se que, com a introdução da afetividade nas relações de aprendizagem, as vias do conhecimento tornam-se mais perceptíveis e mais hábeis de serem introduzidas, dessa forma onde quer que a didática vá, ela precisa estar permeada por afetividade, para gerar um ambiente favorável ao desenvolvimento do indivíduo aprendiz.

Como em um paralelo, tem-se afetividade e didática como instrumentos importantíssimos para desenvolver no ser humano, nas crianças em início da jornada na Educação Infantil, um terreno fértil onde o conhecimento plantado pode ser colhido com eficiência e desenvolvido continuamente, promovendo e produzindo saberes essenciais à vida da criança.

2.1 A Construção da Aprendizagem

Algumas ações da criança são atos reflexos ocorridos durante a faixa etária de 0 a 5 anos, sendo puramente involuntários e aparentemente não apresentam certa relevância. Podemos perceber o quanto pequenas aprendizagens ocorrem nesse período e são totalmente proveitosas e o quanto estas aprendizagens passam despercebidas diante dos olhos de pais e professores. A expressão dar tempo ao tempo para que algumas situações sejam compreendidas e possam ser apreendidas se aplica bem a este processo. Todas as ações realizadas pela criança e suas respectivas reações têm um por que e estão intimamente relacionadas às suas necessidades de aprender e se desenvolver no espaço social em que está inserida.

No início do desenvolvimento infantil, os esquemas são baseados em ações motoras e reflexas, ocorrendo a partir do nascimento. Segundo Wadsworth (1997), à medida que o desenvolvimento físico vai se delineando, os esquemas vão aumentando, diferenciando-se e ganhando complexidade.

Piaget (*apud* WADSWORTH, 1997, p.30) define o desenvolvimento intelectual como um contínuo processo de construção e reconstrução que ocorre em uma sequência de ações mentais. Durante todo o processo, é possível integrar novos dados aos esquemas já existentes – *assimilação*- e fazer aquisição de novos esquemas ou alterar os esquemas existentes - *acomodação*.

[...] a assimilação é o mecanismo que permite a ação do sujeito sobre o objeto, incorporando este a uma estrutura já existente, enquanto a acomodação consiste na transformação das estruturas do sujeito por força da ação do objeto, para que então possa ocorrer a assimilação (MORO, 1987, p.19)

Todo processo de aprendizagem precisa de um espaço físico e psicológico para ser desenvolvido. A inteligência humana pode ser desenvolvida de diferentes formas, no entanto todas elas têm como principal foco o ser humano e seu *status quo*. O ambiente é fator determinante da aprendizagem da criança, pois exerce forte influência em todo o

seu processo. Piaget cita que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais” (LA TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992, p.11) não se poderia pensar em um indivíduo isolado, ausente de estímulos, onde suas competências e habilidades poderiam ser plenamente desenvolvidas, conceber tal situação seria contrária a toda a teoria social interacionista. Contudo, a afirmação de Piaget eleva à compreensão de que toda interação social pela qual o indivíduo passa é relevante e não poderia em nenhum momento ser negligenciada, mais que relevante essas interações sociais podem ser determinantes para que ocorra o pleno *desenvolvimento cognitivo*¹ do indivíduo.

Nas crianças, todos os estímulos são importantes e influenciam para o seu desenvolvimento. Piaget afirma que, “desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo” (LA TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992, p.12). É interessante ressaltar que a obra de Piaget faz ampla defesa às interações sociais, ele defende a construção do ser cognitivo individual bem acima da base social, pois receber influências sociais sem o desenvolvimento intelectual para administrá-las seria algo vago e dispensável, sem qualquer conservação de valores e ideias. Por essa razão, Piaget fala de um equilíbrio, onde as trocas de informações se concretizam em um sistema comum de signos e de definições, de conservação das proposições válidas e reconhecidas e da reciprocidade de pensamentos entre os interlocutores. Tal afirmação pode ser traduzida na situação em que um indivíduo que se relaciona com outro da mesma faixa etária e sob as mesmas condições sociais poderá atingir um maior nível de socialização e melhores condições de desenvolvimento do seu cognitivo.

2.2 Os Estágios do Aprender a Ser

Piaget classificou o desenvolvimento cognitivo infantil em estágios para um melhor aproveitamento das funções intelectuais. Esses estágios estão aqui relacionados para esclarecer um pouco os processos que influenciam no desenvolvimento cognitivo infantil.

O estágio da inteligência sensório motor (0-2 anos). Durante este estágio, o comportamento é basicamente motor. A criança ainda não representa eventos internamente e não realiza construções conceitualmente; apesar disso, o

¹ “Um *processo* pelo qual os indivíduos *adquirem conhecimento* sobre o mundo *ao longo da vida*”. Este conceito é definido com base no estudo da teoria do desenvolvimento de Piaget e Vygotsky.

desenvolvimento cognitivo é constatado à medida que os esquemas são construídos(WADSWORTH, 1997, p. 31).

No estágio sensório-motor a criança, que está entre 0 a 02 anos, passa a perceber o mundo à sua volta e a testar situações adversas com as quais ela apreende e compreende o mundo, é importante destacar que toda inteligência da criança tem início bem antes do desenvolvimento da linguagem verbalizada. Esses primeiros passos se dão por meio de atividades de tentativa e erro, com as quais as crianças vão desenvolvendo habilidades, atendendo suas necessidades e aperfeiçoando a compreensão de tudo à sua volta. Estas demonstrações evidenciam a capacidade que o ser humano tem para realizar apreensões e desenvolver ações relativas a esses aprendizados. Iremos perceber que nesse estágio tudo se configura em ação e reação, pois as experiências são constantes e o desenvolvimento de habilidades e aprendizagens é intrínseco à coordenação sensório-motora da criança. Os movimentos mais sutis como andar, falar, o simples fato de tocar e observar um objeto desenvolve na criança interações e aprendizagens significativas e importantes para o seu desenvolvimento cognitivo. É comum concordarem vários psicólogos e cientistas do desenvolvimento cognitivo, que a inteligência progride continuamente, desde o nascimento e sempre quanto mais e melhor forem suas interações com o meio social e em si mesma. (PIAGET & INHELDER, 1998, p.12).

Nessa fase, as condutas adquiridas como hábitos não recebem o nome de inteligência, pois elas facilmente são repetidas sem que exista qualquer reflexão mais complexa que não o ato de repetir o movimento outrora realizado apenas pela causalidade. Seguidamente a cada mês os avanços irão ocorrer através de combinações interiorizadas e assimiladas chamadas de insights, quando a criança é capaz de promover uma ação em que a mesma é compreendida e repetida com vistas no aperfeiçoamento da primeira ação, configura-se o ato de inteligência.

Um exemplo é quando a criança vê o adulto colocando um brinquedo dentro de uma caixa e balança a caixa fazendo barulho, em seguida é entregue à criança a caixa entreaberta e a criança compreende que o brinquedo outrora fora da caixa está dentro e tenta retirá-lo da caixa. Nesta ação a criança constrói todo o ato de colocar o brinquedo dentro da caixa e depois retirá-lo desta, houve compreensão e não apenas repetição das ações, configurando assim a construção da inteligência. (PIAGET & INHELDER, 1998, p.19)

Pode-se pontuar que o nível sensório motor destaca-se, principalmente, pelo desenvolvimento da inteligência através da *ação*, em toda sua complexidade de elementos; espaço, tempo e causalidade, subestruturas das noções correspondentes, na qual a criança que durante este nível é intelectualmente egocêntrica com tudo a sua

volta, caminha em meio a insights, assimilações e associações, para promover interações significativas a partir dos próximos meses de sua evolução cognitiva.

No final do período sensório motor, a criança apresenta como característica o desenvolvimento de sentimentos afetivos e preferências distintas das primeiras respostas reflexas (...) o comportamento é agora dirigido em parte por novas capacidades afetivas e cognitivas. (WADSWORTH, 1997, p. 60)

Surgem as primeiras interações afetivas sociais das crianças com os outros à sua volta. Nos primeiros meses de vida, a criança é totalmente voltada para si, egocêntrica, em situações e atos reflexos, mas durante esse estágio, no final dele, ela começa a desenvolver a afetividade para com os outros e a transferir afeto aos que estão a sua volta, esse evento caracteriza-se como o primeiro passo para o desenvolvimento social. O afeto passa a desempenhar um papel importante como seletor das ações a serem desenvolvidas na criança. Quando ela gosta de algo ou sente-se feliz em realizar determinada atividade, essas ações serão mais promovidas pela criança em lugar de outras que não geram reações positivas ou agradáveis. Esta é a construção das relações sociais.

O estágio do pensamento pré-operacional (2-7 anos). Este estágio é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo rápido desenvolvimento conceitual. O raciocínio, neste estágio, é pré-lógico ou semilógico. (WADSWORTH, 1997, p. 31).

A partir dos 02 anos temos o estágio pré-operacional, novas capacidades são desenvolvidas, como as habilidades representacionais e a socialização do comportamento. A criança já é capaz de relacionar-se com um grupo de amigos e de representar brincadeiras e personagens com eles. Diz-se que nessa fase o raciocínio é pré-lógico ou semilógico pelo fato de que as crianças ainda não têm uma estrutura formalizada da lógica de suas ações e interações sociais, mas que elas já são capazes de construir uma representação significativa de objetos e eventos através do uso de símbolos ou signos denominado de *função simbólica* ou *função semiótica*.

Símbolos são coisas que guardam alguma semelhança com o que elas representam: desenho, silhuetas e outras. **Signos** são coisas arbitrárias que não guardam semelhanças com o que elas representam. A linguagem escrita e falada, bem como os números são exemplos de sistemas de signos. (WADSWORTH, 1997, p.66)

Vários são os tipos de representação que tem relevância no desenvolvimento cognitivo, a representação de símbolos e signos na linguagem corporal da criança denota toda a construção do saber em desenvolvimento individual e social. É através dos símbolos que a criança constrói seus esquemas e apreende novas formas de

relacionar-se com o mundo a sua volta e constrói o conhecimento que lhe é necessário a esse singular momento, pois aquilo que não cabe nas palavras e nos números, como os signos pode ser amplamente difundido através dos símbolos. O estágio pré-operacional é marcado pela inserção dos símbolos e signos na vida da criança como função de desenvolver no sujeito apreendendo possibilidades variadas de *assimilação* e *acomodação*² das informações a sua volta. Piaget destaca as seguintes formas de representação, como sendo importantes para posicionar o desenvolvimento e criar possibilidades de apreensão e construção do conhecimento: *a imitação diferida, o jogo simbólico, o desenho, a imagem mental e a linguagem falada.*

Considera-se interessante ressaltar a importância dos quatro conceitos cognitivos básicos que se referem às estruturas aprendentes do sujeito em desenvolvimento:

São eles os conceitos de *esquema, assimilação, acomodação e equilíbrio*, estes conceitos são usados para explicar como e porque o desenvolvimento cognitivo ocorre. (WALDSWORTH, 1997, p.70)

Traremos uma abordagem objetiva quanto à compreensão desses conceitos a fim de que possamos construir uma identidade do desenvolvimento cognitivo e seus processos. Mas sumariamente poderíamos dizer que eles se referem basicamente a três etapas gerais do desenvolvimento humano:



Estas etapas convergem de forma cíclica, em todo tempo no constante processo de desenvolvimento, que inicia quando somos gerados e continua evoluindo até a nossa velhice. Compreender esses processos é uma forma de construir pontes que nos aproxime de estratégias e possibilidades para promover uma educação de qualidade e eficiente as nossas crianças e a todos quanto busquem uma significativa apreensão do conhecimento. Para tanto, vamos ser breves quanto as definições e esclarecimentos referentes aos quatro conceitos cognitivos básicos do desenvolvimento da aprendizagem.

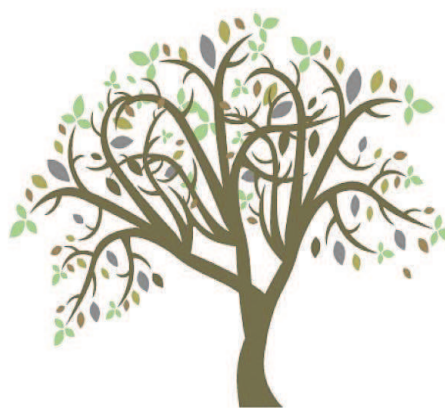
² Mais à frente estaremos abordando estes dois processos, conforme teoria da adaptação de Piaget.

2.2.1 Esquema

Piaget (WADSWORT, 1997, p.16) definiu os esquemas como sendo estruturas mentais ou cognitivas pelas quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam o meio. À medida que as experiências vividas vão sendo agregadas ao cotidiano da criança, os esquemas se tornam mais generalizados e mais diferenciados. Os esquemas vão se adaptando e modificando-se com o desenvolvimento mental à medida que serão utilizados para processar e identificar a entrada de estímulos. Poderemos brevemente citar aqui que os estímulos serão todos os contatos absorvidos pela criança e processados junto aos esquemas com a finalidade de produzir respostas cognitivas e promover associações, mas os próximos pontos poderão definir com mais clareza esse momento de associações e construção do desenvolvimento cognitivo. Basta-nos pontuar que o esquema é o primeiro passo. Vamos usar o exemplo da árvore para clarificar a ideia do esquema, os esquemas seriam os galhos de uma árvore que à medida que vai tendo mais contato com luz, ar, adubo e tempo vão crescendo e crescendo até produzir os frutos do conhecimento. Para a criança, o esquema funciona como uma informação construída dentro da consciência que a cada visualização e contato com outras informações vão sendo reforçadas e reconstruídas.

2.2.2 Assimilação

Assimilação é o processo pelo qual uma pessoa integra uma nova informação aos esquemas já existentes. (WADSWORT, 1997, p. 19). Poderemos usar novamente o exemplo da árvore para definir os esquemas como sendo o crescimento das folhas sobre os galhos, necessariamente isso não muda a estrutura da árvore, mas passamos a identificá-la melhor e construir novos significados para árvore, os esquemas junto à assimilação desenvolvem novas possibilidades de adaptação e organização da aprendizagem, que pode ser bem explicada pelo processo de acomodação.



2.2.3 Acomodação

Como o dicionário já define a palavra em sua significância “por em boa ordem”, é exatamente isto que o processo da acomodação define, que os esquemas construídos, vão ao longo da aprendizagem sendo *recriados* ou *modificados* para responder aos estímulos, ou melhor, para encaixar-se na ordem exata dos estímulos (WADSWORTH, 1997, p. 20). A medida que as informações e o conhecimento na mente da criança precisam ser corrigidos ou melhorados para aproximar-se do real e correto, dizemos que houve uma acomodação. Assim em linhas gerais podemos traduzir acomodação como toda correção e integração de novas informações na mente da criança. WADSWORTH diz que (1997, p. 7) "A acomodação explica o desenvolvimento (uma mudança qualitativa), e a assimilação explica o crescimento (uma mudança quantitativa); juntos eles explicam a adaptação intelectual e o desenvolvimento das estruturas cognitivas." No entanto quando um estímulo não encontra seu encaixe junto aos esquemas já existentes, cria-se um novo esquema para atender especificadamente ao estímulo, dessa forma o conhecimento adquirido está sempre em processo de crescimento e desenvolvimento, o que fora aprendido ontem pode ser significativo hoje com tantas outras assimilações que o indivíduo possa passar, gerando assim o *continuum do desenvolvimento cognitivo*, nenhum esquema é descartado, mas estão em processo de transformação e criação (WADSWORTH, 1997, p. 30).

2.2.4 Equilibração

Poderíamos situar a equilibração como o processo pelo qual um indivíduo encontra o equilíbrio e isto nos seria muito obvio, mas Piaget chama de balanço o que pontuamos como equilíbrio, ele parte da ideia de que no balanço entre a assimilação e acomodação o equilíbrio vai sendo desenvolvido.

É ele (*o equilíbrio*) o mecanismo autorregulador, necessário para assegurar uma eficiente interação da criança com o meio ambiente. Equilíbrio é um estado de balanço entre assimilação e acomodação... Então o equilíbrio pode ser visto com um estado de “balanço” cognitivo que é alcançado no momento da assimilação. (WADSWORTH, 1997, p. 22).

As interações sociais vivenciadas pelas crianças vão aos poucos promovendo estados de desequilíbrio que à medida que vão tomando um balanço linear, vão se encaixando e promovendo a aprendizagem e desenvolvimento da inteligência, nessa fase chegamos a equilibração, no entanto é importante percebermos o quanto o

desequilíbrio também é fator significativo, pois todas as vezes que uma informação nova surge para a criança todo o seu organismo intelectual, começa um balanço, que impulsiona ao equilíbrio e conseqüentemente a acomodação de uma nova aprendizagem, é o continuum do desenvolvimento cognitivo sendo sempre e cada vez mais desenvolvido.

O continuum do desenvolvimento cognitivo³ é definido por Piaget (WADSWORTH, 1997) como um processo contínuo. Poderíamos explicar mais claramente essas mudanças como resultados das interações sociais da criança em suas experiências individuais e coletivas, nas quais o equilíbrio gerado aponta para novos conhecimentos a partir de acomodação e assimilação dos esquemas, no entanto, o mais significativo do continuum é todo o seu desenvolvimento ininterrupto ao longo da vida do ser em construção, pois desde sua formação biológica o ser humano inicia um processo de aprendizagem cada vez mais cumulativo que vai passo a passo guiando-o por novos saberes e novas formas de aprender a ser.

Conhecer o sujeito de forma intelectual e afetiva, observar sua relação com o meio social nos ajudará a compreender como se formam os esquemas e a levantar hipóteses de como aquele ou esse sujeito poderá acomodar semelhanças, diferenças, conflitos, podendo analisar melhor as dificuldades e possibilidades para obter uma adaptação mais desejada a realidade.

Importante percebemos que todos os fatores, sem exceção de quaisquer deles, contribuem para o desenvolvimento cognitivo da criança e que muitas experiências são exclusivas a infância, acertadamente elas não se repetirão em outras fases da vida do indivíduo de igual modo como ocorre na infância, esta é a primícia para valorização da aprendizagem na infância e para as construções que são realizadas neste período.

³Kohlberg (1987) afirma que o desenvolvimento cognitivo, conforme construído no contexto da teoria de Piaget deveria ser a meta ou o principal objetivo da educação (WADSWORTH, pg. 148).

3. CAPÍTULO II

A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS: FAMÍLIA E ESCOLA

“As coisas, sozinhas, não se dizem. É preciso que outras coisas as digam. Pois eu estou dizendo que o ato de educar se revela no ato de fazer amor. Quem aprende dos amantes fica um melhor educador. Os alunos conhecerão, conceberão e parirão...”

Rubem Alves,

O que as crianças, devem aprender na infância? Existem várias teorias que apontam os exatos conteúdos e formas que moldam a práxis educativa dentro e fora das escolas e isso é muito bom, se não fosse negligenciado por pais e professores quanto às aprendizagens autônomas, aquelas construídas pelas crianças individualmente nos cantos da casa e nos pátios da escola, sem qualquer compromisso direto com a escolarização, mas muito envolvida com a aprendizagem. Nós educadores somos contidos no ato de educar, quando Rubem Alves (2004, p.20) nos convida a nos entregarmos à educação como no ato de fazer amor, é preciso buscar conhecer cada expressão da criança e responder cada indagação sem privá-la do ato de conhecer, ainda que não entenda na sua totalidade, ela *conceberá* e *parirá* as melhores interpretações.

Num momento em que a meta da educação é a formação de indivíduos autônomos, os educadores deveriam retomar a análise do desenvolvimento afetivo social realizado por Piaget. (GOULART, 1996, p.21)

Se nossa meta é formar indivíduos autônomos, como educadores não podemos nos esquecer da importância grandiosa das relações afetivo sociais necessárias à formação da criança. Educar se coloca, como na concepção de Rubem Alves, um ato de amor, de dedicação total, onde as percepções são todas voltadas para o universo que se forma e como ele se desenvolve a cada momento e experiência que lhe é proporcionada. Assim, não devemos permitir que o tecnicismo apague o lado afetivo da educação, principalmente quando compreendemos que existe uma fundamentação que endossa o quanto são valorativas as aprendizagens proporcionadas em um ambiente rico de interações sociais e afetivo, e o quanto essas aprendizagens produzem conhecimento e o desenvolvimento da criança.

...a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite,

sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos e situações. Todavia ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço. (LATAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992, pg.65)

Poderíamos então criar uma analogia entre as ideias de Rubem Alves quanto ao ato de ensinar, como sendo um compromisso de amor, com os processos de assimilação e acomodação de Piaget, cada equilíbrio e desequilíbrio gerado é ponte certa para novos conhecimentos é o continuum da aprendizagem, envolvido e movido por sentimentos de afetividade que sugerem e impõem o desejo de saber, de ser e transformar-se nesse mundo de interações.

Em sua teoria do desenvolvimento, Piaget propôs quatro fatores do desenvolvimento cognitivo que estão muito bem relacionados às interações sócio afetivas: *maturação*, *experiência ativa*, *interação social* e *equilíbrio*, juntos em um processo cíclico apresentam as condições necessárias para o desenvolvimento cognitivo. Adiante veremos como esses fatores se relacionam entre si e o quanto as suas interações promovem o crescimento e desenvolvimento da inteligência na criança, principalmente no que se refere a formá-la como ser social autônomo.

Figura 01. Ilustração do Processo cíclico das Interações sócio afetivas



3.1 Maturação e hereditariedade

Podemos apontar esse fator como sendo de alta relevância ao observarmos que as características hereditárias podem restringir ou nortear as aprendizagens do indivíduo, mas que não são determinantes, pois o mesmo continua crescendo e essas características vão sendo sobrepostas na medida da progressão das ações da criança sobre o meio.

Maturação no que e refere às funções cognitivas – conhecimento – simplesmente determina o alcance das possibilidades num estágio específico. Ela não causa a atualização das estruturas. A maturação simplesmente indica se a construção de estruturas específicas é ou não possível naquele estágio específico. (in GREEN FORD & FLAMER, 1971, p.193)

Dessa forma, precisamos atentar a maturação como um processo de mudanças constantes, mas com bases construídas nos referenciais hereditários do indivíduo, à medida que esse integra novas aprendizagens essas bases vão sendo refinadas. Percebemos o universo que se abre diante da criança e o quanto suas possibilidades de aprendizagem vão sendo a cada palavra aprendida e cada ideia construída, aprimoradas e desenvolvidas quantitativamente e qualitativamente.

Nesse aspecto, compreendemos o quanto a família exerce um papel importante quanto ao desenvolvimento cognitivo da criança, o quanto ela pode estimular e intensificar as aprendizagens da mesma, através de hábitos como a leitura, já é sabido por todos universalmente, que pais que leem desenvolverão em seus filhos o hábito de leitura sempre mais cedo. As crianças aprenderão por estímulo, por percepção e principalmente por interações, porque olham ao redor e veem livros e leitores, elas sentirão o desejo de aprender e desenvolverão o hábito; e aprenderão com os livros, o conhecimento será consequência certa de toda sua vivência com esse universo de letramento.

3.2 Experiência ativa

Podemos defini-la como sendo aquela que provoca aprendizagem através do processo de assimilação e acomodação. É nas relações com o meio que o indivíduo constrói esquemas, os transforma e também modifica as estruturas existentes, são em suas experiências que ele se apresenta ativamente interessado e envolvido, provocando as mudanças necessárias ao desenvolvimento da aprendizagem.

Cada tipo de conhecimento que a criança constrói - físico, lógico-matemático e social – requer sua interação com os objetos ou com as pessoas. Ações podem

ser manipulações físicas ou manipulações mentais (pensar) de objetos ou eventos. (WADSWORTH, 1997, p.34)

As relações da criança com outras proporciona as interações necessárias ao seu desenvolvimento, ela aprende, modifica e cria possibilidades novas de conhecimento. É preciso que os educadores interessados no desenvolvimento infantil estejam apostos quanto ao processo de desenvolvimento da criança que vai além de crescer e só então conhecer, é enquanto cresce que a criança conhece e aprende, desenvolve e se relaciona com tudo a sua volta, com os animais de estimação, o gramado no quintal, os brinquedos espalhados pelo quarto. As pessoas que transitam dentro do lar, pais, tios, irmãos avós, são todos eles participantes ativos do desenvolvimento cognitivo, ela os lê constantemente, observa seus hábitos, suas falas e aprimora seu conhecimento.

3.3 Interação Social

Por interação social, Piaget quer dizer o intercâmbio de ideias entre pessoas. Algumas ideias podem ser facilmente vistas e conceituadas na prática, quando estas se referem a situações palpáveis, uma criança facilmente entenderá e reconhecerá o conceito de árvore, mas terá dificuldades para assimilar o conceito de proteção, o mais importante na interação social é que os conceitos de valor, que principalmente são apreendidos das relações sociais, sejam constantemente vivenciados pela criança em seu dia a dia, a ponto de se tornarem tão comuns quanto as árvores, que são constantemente vistas e reforçadas na mente da criança. Dessa forma, teremos relações sociais valorativas e experiências de aprendizagem cada vez mais frequentes.

No entanto, é importante ressaltar que essas relações também podem gerar as distorções desses conceitos valorativos ou de moral, quando os mesmos são apresentados e apreendidos erroneamente, daí a necessidade de novas e constantes interações para gerar o continuum da aprendizagem e formação dos valores éticos da moral. “A observação atenta do professor se constitui o único recurso para se oferecer a criança o tipo de ensino do qual ela realmente necessita” (GOULART, 1996, pg.19).

O olhar do professor na atenção às necessidades individuais do aluno, se coloca como ponto decisivo para desenvolver estratégias que promovam uma aprendizagem significativa, focada no aluno, no pleno desenvolvimento cognitivo do mesmo. Ele também, o professor, é o agente responsável pela comunicação das necessidades de aprendizagem da criança à família, visto que essa fica muito reservada às relações sócio

afetivas, que contribuem significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem, mas que diversas vezes se eximem do compromisso educacional da criança, deixando toda a aprendizagem reduzida as paredes da escola.

Precisamos então da família dentro das escolas? Sim, seria a resposta mais acertada, no entanto, precisamos essencialmente ainda mais de professores maestrados por propostas pedagógicas pautadas nas teorias de aprendizagem significativa; pautadas nos discursos de Piaget, Vigotsky, Inhelder, Goulart, Wadsworth e tantos outros que contribuem diretamente para o processo evolutivo da aprendizagem na criança. É preciso que nós, educadores, estejamos atentos ao passo da aprendizagem e possamos nos posicionar no tempo certo desse passo, na celeridade do mesmo ou na lentidão que em alguns momentos ele possa propor, mas principalmente na singularidade de cada um deles.

Entender o processo de aprendizagem como sendo individual a cada criança, a cada aluno em sala de aula e também fora dela é papel de todos os educadores, sejam eles pais ou professores. No entanto, é importante ressaltar que será dos professores que toda a cobrança quanto à aprendizagem sucumbirá, pois a escola fora instituída como local do saber, do desenvolver-se, do chegar a ser.

É confirmada pela evidencia o fato de que a origem das maiores dificuldades de aprendizagem está situada nos primeiros anos escolares. Apesar de os professores dos cursos de educação infantil e de 1º grau serem os que mais se preocupam com a aprendizagem de seus alunos, a falta de compreensão do desenvolvimento desses alunos os leva a cometer falhas... (GOULART, 1996, pg. 19)

Goulart (1996) ainda nos diz que *a melhor forma de ensinar é aquela que se baseia numa forma particular de aprender*, por essa razão torna-se tão importante conhecer e conceber as crianças como agentes participantes do desenvolvimento da aprendizagem, gerando processos autônomos e criativos que apontem sempre em direção ao crescimento e desenvolvimento cognitivo.

O desenvolvimento cognitivo é um processo social; a interação com outras pessoas tem importante papel no desenvolvimento das operações lógicas. Logo a cooperação influencia significativamente a visão de mundo do sujeito e lhe permite evoluir de uma perspectiva subjetivista para objetividade... (GOULART, 1996, pg. 21)

O que vemos hoje nas salas de aulas são aplicações de desenvolvimento cognitivo, guiadas por livros didáticos, seguidos de forma isolada e definitiva, rotulando aqueles que não se enquadram, com distúrbios de aprendizagem “x” ou “y”, não

negamos a existência de possíveis distúrbios ou déficit de aprendizagem, porém precisamos ir além das dificuldades. Contraponho-nos a Paulo Freire (2011) quando afirma que, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Este é o universo criativo que as crianças precisam estar inseridas constantemente, salas de aula que sejam canteiros de criatividade, que o lúdico seja produzido com alegria e entusiasmo e que em meio a diversão e criação o conhecimento seja desenvolvido.

Ensinar exige sempre de qualquer um que se proponha ao ato de educar, esforço e dedicação constante. Não é tarefa fácil transformar anos de teoria pedagógica, em aula, simples e focada, específica a cada indivíduo e diversificada em fontes e criatividade, essa é a famosa tarefa da *teoria versus práxis*, como transformar teoria em prática? Através de palavras simples, com esforço e dedicação constante, pois o conhecimento é intrínseco a vida, a cada passo vivenciado novos conhecimentos surge e novas possibilidades de aprendê-los.

CAPÍTULO III

O PAPEL DA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

4.1 A importância do método

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Paulo Freire, 2011.

Com base na afirmação de Paulo Freire, podemos apontar a prática docente como sendo ponto inicial para o desenvolvimento do educando em suas construções, na promoção da curiosidade e suas insubmissões, porque é preciso, que o aluno seja insubmisso, inconformado, para que outras oportunidades de aprender surjam a cada momento, a cada aprendizagem, a cada tentativa de conformá-lo ao modelo, ao padrão. Quando falamos em padrão podemos ser tendenciosos em acreditar que existe uma fôrma, na qual colocamos os alunos e os moldamos, mas na verdade nós educadores precisamos estar constantemente mudando, inovando e desenvolvendo novas percepções acerca das aprendizagens da criança.

É preciso, em primeiro momento, estabelecer quais os níveis em que os alunos se encontram, enxergá-los em seu primeiro momento vai nos colocar a frente de qualquer insatisfação nossa, algumas vezes ficamos atônitos em nossas salas de aulas, julgando as aprendizagens dos nossos alunos, segregamos a sala em os mais inteligentes, os bons e os lentos, mas não percebemos que os isolamos e nos esquecemos que alguns trabalham muito bem sozinhos, que outros trabalham melhor em equipe, mas que todos precisam de cooperação para gerar auto regulação e equilíbrio.

Na escola, a interação social e a colaboração entre os colegas são essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. A interação social, além de fonte para a aprendizagem da cooperação, é também uma fonte de conflito cognitivo e desequilíbrio. (WADSWORTH, 1997, pg.173)

Essa foi a proposta de Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2011), existe sempre um esforço notório em desenvolver em sala de aula, o pensamento crítico

e reflexivo, porque na balança da aprendizagem, quanto mais desequilíbrio, mais aprendizagens, à medida que vão sendo solucionadas as dúvidas, vão surgindo novas possibilidades de aprender. A ação de aprender nunca será um total conforto das nossas faculdades mentais, sempre haverá um grande esforço em torno da resolução de problemas sejam eles linguísticos, matemáticos ou sociais. Mas passa a ser tarefa de todo educador transformar esse esforço em atividade.

Poderíamos sugerir que as aulas, dentro e fora de sala, fossem permeadas de muita observação, muita liberdade para a criança se expor e como em um divã, o educador com caneta em mãos registrando o ponto de partida, suas lacunas e complementações, seus equilíbrios e desequilíbrios, o *“já sabido da criança”* e o que precisa ser desenvolvido, todas as suas compreensões às vezes insignificantes, mas sempre relevantes.

Propor a sala de aula como um meio para aprendizagem é enxergá-la também como uma ferramenta na construção do conhecimento, mas é preciso que tenhamos a consciência de que o conhecimento acontece e se desenvolve em outros ambientes fora da sala de aula. Assim podemos enxergar que a criança com déficit de aprendizagem em sala de aula se desenvolve muito bem com outras aprendizagens fora da sala de aula, como brincadeiras durante o recreio, cantigas de rodas e amarelinhas. Falamos não mais em déficit de aprendizagem, mas de escolarização, pois a escola como ambiente de desenvolvimento da aprendizagem, seu crescimento e transformações, em certos pontos falhou, gerando o déficit de escolarização, que reduziu as possibilidades de desenvolvimento do conhecimento no aluno.

...o desinteresse decorre do fato de a escola estar assentada em projetos de ensino o invés de propiciar um desenvolvimento de aprendizagem, mesmo naquelas que se propõem renovadas, dinâmicas ou ativas, não por sua culpa última, mas por estarem atadas a normas governamentais de educação que exigem programas e critérios de avaliação que se preocupam mais em medir o aproveitamento do aluno do que seu desenvolvimento do próprio assunto... (SAMPAIO & FREITAS, 1996, p.22)

A escola precisa estar assentada em projetos de desenvolvimento da aprendizagem, em vez de planos de ensino, porque o plano é um destino a ser seguido, que imperdoavelmente inibe a busca por outros caminhos, enquanto que o projeto de desenvolvimento cognitivo vai além das regras e ditames educacionais, ela conduz o educador à reflexão constante a busca por novas maneiras de ensinar e aprender, ele vai se refazendo a cada descoberta e vai se desenvolvendo a cada aprendizagem.

O posicionamento do professor em sala de aula, é que definirá o caminho a ser percorrido, é importante destacarmos que as relações pedagógicas do aprender a ser são construídas também em sala de aula, mas não exclusivamente em sala de aula. Ao professor cabe o encaminhar, colocar sobre o caminho do conhecimento para que os alunos aprendam o como é importante se desenvolver e aprender a ser.

O desafio é e sempre será a didática, o conjunto de ferramentas capaz de promover um aprendizado eficiente. Apesar dos avanços e dos envoltos que permeiam a didática não podemos pensá-la como uma maleta mágica pronta para adaptar-se a qualquer criança, mas devemos promovê-la como uma orquestra, tocando em cada momento a música que lhe for melhor indicada, escolhendo os instrumentos mais afinados á melodia sugerida, daí teremos um belo coral, focado na aprendizagem. Já pensou o quanto é estridente e desconfortável alguém que é extremamente calmo ouvir soar um rock metal, da mesma forma ocorre com as ferramentas da educação, existem instrumentos educacionais que são maçantes e desinteressantes para crianças que já caminham no universo digital com tanta habilidade e desenvoltura, é preciso estar atento a essas mudanças e não permanecer estático ante o novo que surge todos os dias, pois somos educadores, está intrínseco a nossa missão o revelar do novo, o conhecimento contínuo e constante cheio de mudanças e descobertas.

É nesse processo ante estagnação que caminhamos e que precisamos propor ferramentas que ao invés de concorrer com as inovações sejam aliadas as mesmas. A didática vai sendo remontada a cada proposta avaliada, a cada atividade desenvolvida e a sala de aula vai se tornando cada vez mais um espaço de criatividade e conhecimento, onde o continuum é uma constante tanto para professores quanto para alunos. “Para deixar nascer a disciplina não é nem nunca foi necessário sufocar o lúdico ou eliminar a alegria. A vida não é isto ou aquilo, mas é na verdade isto e aquilo” (MORAIS, 2002, p.353).

A sala de aula, como na teoria do continuum do desenvolvimento cognitivo de Piaget, também vai se equilibrando e desequilibrando para gerar as aprendizagens necessárias, mas é preciso que as ferramentas de interação e desenvolvimento estejam lá, disponíveis a todos os interessados no processo de desenvolvimento do conhecimento: professor, alunos, didática e espaço para criatividade e afetividade.

Que o movimento de conhecer e produzir seja um desafio, não apenas para melhorar as crianças, mas para que os adultos interessados acreditem também que são possíveis as mudanças.... (BORGES, 1994, p.90)

As mudanças vão ocorrer sempre, no entanto é preciso que como educadores, estejamos atentos e dispostos, sejamos desafiados a interferir com ações e aprendizagens durante essas mudanças a fim de que possamos desenvolver uma educação de qualidade que viabilize meios de promoção da aprendizagem, do contrário, seremos apenas copistas, reproduzindo conteúdos e informações, sem qualquer valor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior desafio no processo de promoção de uma aprendizagem dinâmica e prazerosa é preparar o educador, a fim de que o mesmo esteja plenamente comprometido com um processo mais incrível e prazeroso que o letramento, o pleno desenvolvimento do conhecimento, do saber sistematizado e social que nos cerca e pode ser partilhado e potencializado, fazendo aflorar as habilidades, tantas vezes escondidas por trás das cartilhas e que sucumbem à imposição não reflexiva desse processo.

Por fim, nos propomos a trazer aos educadores em geral uma postura comprometida e dedicada às crianças de forma consciente e construtiva, com vistas à compreensão e reflexão de que elas são indivíduos em constante evolução e toda a semente plantada hoje será colhida amanhã, conforme for cultivada a terra e regado o solo. É à luz da história do desenvolvimento cognitivo que buscamos atrair pais e professores à construção do saber e desenvolvimento da inteligência na criança de forma contínua e diversificada, sem amarras e prisões de qualquer forma.

Propõe - se então uma parceria, família escola, onde ambas possam juntas pensar e propor relações socioeducativas significantes para as crianças, não apenas expectativas de ser alguém quando adulto, mas um ser completo desde a infância, infância sendo entendida e atendida quanto às suas necessidades de interação, criatividade, afetividade e aprendizagem.

O olhar para esses pequenos em fase de educação infantil precisa ser analítico sempre, envolvido mais que nunca e a criticidade precisa dar lugar a relações afetivas envoltas de muita criatividade e, claro, de paciência, afinal são crianças e porque negamo-nos a pensá-las como realmente são? Criança, um ser social em constante crescimento e desenvolvimento.

Não nos faltarão aportes teóricos, didática, tampouco educadores comprometidos nesse processo do continuum do desenvolvimento cognitivo, tudo está à mão, basta-nos um passo firme e decisivo na missão de revelar todos os dias o ser social que se desenvolve em cada criança. É preciso exercer a consciência crítica e reflexiva do quanto as nossas construções de hoje refletirão no homem social do amanhã. Esse comprometimento torna-se decisivo na árdua tarefa de desenvolver indivíduos rumo à aprendizagem significativa e ao continuum do desenvolvimento cognitivo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ao Professor, com meu carinho**. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2004.
- BORGES, Aglael Luz. **O Movimento Cognitivo- Afetivo – Social na Construção do Ser e do Saber**: In.: SARGO, Claudete et alli (Org.). *A Práxis Psicopedagógica Brasileira*. São Paulo, ABPp, 1994.
- BORGES, Aglael Luz. **O Movimento Cognitivo-Afetivo-Social do Homem Ser**. (In:) *A práxis psicopedagógica brasileira*. São Paulo: ABPp, 1994.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério – Construção Cotidiana**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.
- _____ (Org.). **Rumo a uma Nova Didática**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GOULART, Iris Barbosa. **Piaget Experiências Básicas para Utilização do Professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. – 11º. Ed.
- GREEN, D. R.; Ford, M. P. & FLAMER, G. B., ed. **Measurement and Piaget**. New York, McGraw-Hill, 1971.
- LA TAILLE, Ives de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992. – 9ª. Ed.
- LOPES, Antonia Osima; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a Didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991. – 5ª Ed.
- MORAIS, Regis de. **Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula**. In__ (Org) *Sala de aula: que espaço é esse?* São Paulo: Papirus, 2002. - 16ª Ed.
- MORO, Maria Lucia Faria. **Aprendizagem Operatória: A Interação Social da Criança**. Curitiba: Cortez. 1987.
- PIAGET, Jean e INHELDER, Barbel. **A psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 15. Ed.

RAMOS, Maria Beatriz Jacques. **As dificuldades de aprendizagem**: leituras e desafios. (In:) Psicologia e aplicação. La Rosa (org.) (et al). Psicologia e educação. O significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUC. RS, 2003.

SAMPAIO, Luiz Carlos Souza; FREITAS, Tânia Maria de Campos. **Distúrbios de aprendizagem ou de escolarização**. REVISTA PSICOPEDAGOGIA. São Paulo: ABPp, 1996.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. **O Debate Piaget/Vygotsky e as Políticas Educacionais**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.77, 1991.

WADSWORTH, Barry J. **A Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1997. – 5ª. Ed.